

Anna Penido

Educadora

Reconhecida por suas grandes contribuições a políticas públicas pela equidade na educação, a jornalista e educadora baiana, nasceu com uma missão: “dar visibilidade e oportunidade aos invisíveis”, através de um trabalho dedicado que realiza desde a adolescência. Filha de uma família tradicional baiana, cresceu repleta de privilégios; porém, sua empatia a fazia, desde muito pequena, sentir bastante desconforto com as injustiças sociais. Recorda que, aos 11 anos, recebeu um grande chamado, quando estudava no Instituto Social da Bahia (ISBA). “Ao voltar para casa no ônibus escolar, justo quando passava em frente ao Shopping Barra, tive um clarão. Era muito envergonhada e senti que não podia mais me acanhar. Entendi que a vida era uma dádiva, e eu precisava fazê-la valer a pena, deixar uma marca. Decidi, então, assumir uma postura mais proativa e ser protagonista de mudanças”, recorda.



Alguns anos depois, ingressou em um grupo de jovens da escola e, nos finais de semana, passou a atuar como voluntária, realizando atividades de recreação com crianças na comunidade da Saramandaia. “Saía de lá com minha camiseta branca repleta de digitais daquelas crianças. Aquelas marcas penetraram na minha alma e me transformaram para sempre. Emocionada, compreendi que precisava agir. Porque essas pessoas tinham os mesmos direitos que eu, mas não conseguiam acessar, esses direitos”. Escolheu cursar a Faculdade de Jornalismo, na Universidade Federal da Bahia, com o propósito de usar a comunicação como ferramenta para revelar uma dura realidade ainda desconhecida por muitos. Agia influenciada pelas mulheres da sua família, que tinham uma história de dedicação às questões sociais. Envolveu-se na organização de oficinas de mídia para adolescentes de escolas públicas, com a proposta de empoderá-los para serem capazes de lutar pelos seus próprios direitos e transformar suas comunidades. Este foi um importante passo para uma carreira repleta de realizações, potencializadas pela sua visão empreendedora.



Conheceu a Agência Nacional de Direitos da Infância (Andi), fundada pelo jornalista e escritor brasileiro Gilberto Dimenstein que, algum tempo depois, se tornaria seu marido. “Ele me convidou a fazer um curso de direitos humanos na Universidade Columbia, em Nova Iorque. Lá, desenvolvi o projeto que viria a ser a CIPÓ- Comunicação Interativa, primeira ONG que ajudei a criar, fundada em 1999”, afirma. Com o trabalho da CIPÓ ganhando destaque, o UNICEF a convidou, em 2007, para ser chefe do seu escritório para São Paulo e Minas Gerais. Passou a atuar nacionalmente. Em 2011, junto com Gilberto, estudou por um ano na Universidade de Harvard, onde participou do Programa Advanced Leadership Initiative.



Durante a experiência, que fortalece a capacidade de lideranças de promover impacto social, realizou uma viagem de volta ao mundo, organizando oficinas com jovens dos subúrbios de cidades na França, África do Sul, Bangladesh, Nova Zelândia, México e Estados Unidos. Ao voltar ao Brasil, montou o Instituto Inspirare a convite da família Gradin e começou a se envolver fortemente com políticas nacionais de educação básica contribuindo de forma significativa para a disseminação de inovações educacionais, a reforma do Ensino Médio e a construção da BNCC (Base Nacional Comum Curricular). “Minha contribuição principal foi incluir a promoção da educação integral dos estudantes, focando em outras competências que precisamos desenvolver nas novas gerações para além das acadêmicas, como a cultural, cidadã, emocional, corporal”, destaca.



Sua jornada se transformou, em 2019, quando se dedicou a cuidar do seu marido Gilberto, diagnosticado com um câncer de pâncreas. Juntos, escreveram o livro Os últimos melhores dias da minha vida. “Um livro que fala muito sobre a dimensão que a vida ganha quando a gente sabe que ela está terminando. Passei a atuar como voluntária, enfatizando a importância dos cuidados paliativos e dos tratamentos humanizados”, afirma. Quando precisa de descanso, foge de São Paulo, onde mora, para relaxar na praia de Itacimirim, na Bahia, ou em um chalé na Serra da Mantiqueira, onde consulta oráculos e trabalha sua espiritualidade enquanto toma banhos de cachoeira. Ou ainda no carnaval de Salvador, que pula todos os anos. Como mãe, orgulha-se demais da filha Joana (29), a “coisa mais maravilhosa do mundo, professora numa escola democrática na Dinamarca”. Para o futuro, imagina-se seguir cumprindo sua missão com afinco, mas de forma mais seletiva. “Vou começar a fazer escolhas. Estou me preparando para iniciar um processo de refinamento”, revela.

